



Desafiados por nós mesmos

Carta aos
Irmãos
ABRIL 2024

Todos sabemos que vivemos num mundo que nos desafia profundamente. As Escolas Pias são uma “caixa de ressonância” na qual reverberam todos os desafios das crianças e dos jovens do nosso mundo, todos os sonhos que guardam no coração e todas as realidades sociais e eclesiais em que vivem. Isso tem sido verdade desde o nosso nascimento. Não pode ser de outra forma, visto que nos dedicamos à educação, e não a qualquer educação, porque a entendemos de forma integral. Dedicamos muito esforço para discernir os apelos que esses desafios provocam em nós. E temos que continuar fazendo isso. Mas, às vezes, esquecemos outro desafio que é central para nós e que vem da nossa identidade. Quero dedicar esta carta fraterna à reflexão sobre como as Escolas Pias podem e devem sentir-se desafiadas pelas próprias Escolas Pias.

Há algumas semanas, participei de uma conferência proferida por um bom amigo sobre educação. Em um momento determinado, o palestrante utilizou uma fotografia curiosa. Nela aparecia um jovem deslumbrado pelo sol, que tentava proteger-se do brilho com a mão, e não se apercebia que tinha os recursos adequados para o fazer: o seu boné com viseira - colocado ao contrário de modo que não o protegia - e os seus óculos de sol, sem usá-los. Aquela foto me inspirou esta reflexão, porque, às vezes, tenho a impressão de que somos como aquele jovem: temos muitos recursos, próprios da nossa identidade, para cumprir a nossa missão, e não os aproveitamos adequadamente. Pensando nessa ideia, cheguei a uma conclusão: uma das melhores formas de responder aos desafios que recebemos das nossas crianças e jovens é sentirmo-nos desafiados por aquilo que somos e temos. Trata-se de viver e trabalhar a partir do que somos, com crescente plenitude.

Que recursos temos, na nossa própria identidade, e não os aproveitamos nem os vivemos como deveríamos? Quais são alguns dos nossos bonés e óculos de sol que, às vezes, nos esquecemos de usar? Tentarei pensar em voz alta, com todos vocês, nesta carta fraterna. Quais são os recursos que fazem parte da nossa identidade e que devemos repensar, para crescer e fazer melhor? Um pouco de autocrítica pode nos ajudar.

O **primeiro** é óbvio: **temos um fundador claro**. Calasanz é um desafio perpétuo para nós. Ter um pai como Calasanz é um recurso extraordinário, por vezes, muito desperdiçado. O seu processo pessoal, a sua visão da vida cristã, a sua forma de compreender a educação, as escolhas que fez, a sua espiritualidade (ainda encontro escolápios que têm dificuldade em explicar a espiritualidade calasânica), os seus critérios de vida consagrada, a sua abertura à Igreja, o seu inconformismo, a sua visão de futuro, a sua liberdade em relação aos critérios dominantes, a sua capacidade de convocação, o seu projeto global, as suas Escolas Pias... tudo em Calasanz é um desafio. E, às vezes, formamos os nossos jovens de forma superficial, mal lemos os seus escritos, compreendemos parcialmente a sua proposta educativa ou não a adaptamos à realidade em que vivemos. A Ordem ainda precisa regressar a Calasanz. Ouvi isso quando era júnior, da boca do Padre Ángel Ruiz. Sinto-me obrigado a dizê-lo novamente. Obrigado a todos vocês que continuam apaixonados por nos ajudar a aprofundar o fundador. Fundador não é “simplesmente” aquele que fundou, mas aquele que continua a fundar, desde que nós, seus filhos, tenhamos o espírito de fundador, como propôs o próprio Calasanz.

A comunidade. Nossa opção é a comunidade. A comunidade escolápia é um recurso extraordinário, que não sabemos aproveitar plenamente, porque, às vezes, não sabemos vivê-la em crescente plenitude. Uma comunidade é um espaço de vida, de fé partilhada, de planos

missionários, de ajuda mútua para o exercício do nosso ministério. Uma comunidade é uma referência para a escola, chamada a esclarecer todos aqueles que colaboram corresponsavelmente no desenvolvimento da missão. Uma comunidade é um laboratório de ideias, uma escola de educadores, um espaço de fidelidade vocacional. Negligenciar a comunidade e transformá-la num lugar onde simplesmente vivemos é desperdiçar um recurso extraordinário. Calasanz sempre insistiu que a adequada vida dos religiosos se traduzirá sempre em benefício para as escolas.

Nossa própria história. Sentir-se desafiado pela história vivida é algo saudável e bom, tomando cuidado para que não nos leve à nostalgia, sempre paralisante. Ao longo desses quatro séculos de existência das nossas Escolas Pias, temos testemunhado inúmeras contribuições no campo da educação, da Igreja, dos jovens. Sentir-se pequeno nos ombros de gigantes nos ajuda a olhar mais longe, pois somos mais altos. Desperdiçar os recursos que o nosso caminho multissecular nos proporciona é típico de uma instituição de curto prazo e míope. Precisamos entrar mais profundamente na nossa “história de vida”, porque isso nos dará muita vida.

Apenas dois exemplos pequenos e muito específicos. Há alguns meses, li uma obra do Padre Burgués sobre os “fundadores”. É impressionante o quanto pude aprender lendo os esforços realizados pelos Escolápios que geraram novas presenças da Ordem. E essa é apenas uma pequena amostra da enorme quantidade – e qualidade – de recursos que a nossa própria história nos oferece para nos sentirmos desafiados. Experimentei o segundo exemplo na Polónia. Há alguns meses, participei em Varsóvia de uma conferência sobre o Padre Konarski. A sensação que tive naquele congresso foi tão simples quanto complexa: Padre Konarski foi capaz de fazer tudo o que ele fez, não só por causa de seu gênio, mas porque tinha uma

1- São José de CALASANZ. Opera Omnia, volume VI, página 115. Carta ao Padre Alacchi datada de 12 de julho de 1638.

2- São José de CALASANZ. Opera Omnia, tomo VI, página 361. Carta ao Padre Berro de 24 de setembro de 1639.

Província por trás dele. E o que disse na minha breve intervenção é que o desafio ao qual o Padre Konarski respondeu – com as suas luzes e recursos – continua válido: uma educação autenticamente calasância, para gerar uma sociedade melhor. Mas, a coisa não termina aí. No dia seguinte, participei na celebração do aniversário da escola em Varsóvia. Os alunos realizaram uma peça teatral dedicada às contribuições de outro escolápio, que dá nome à escola. E eu tive que admitir que nem sabia o nome dele. E as suas contribuições para a educação na Polônia foram formidáveis. Temos um recurso que devemos aproveitar melhor: somos uma instituição que contribui muito. Vamos manter isso em mente. A propósito, lembro-lhes o nome desse escolápio: Padre Onufry Kopczyński.

Continuo enumerando recursos específicos da nossa identidade. **O quarto são nossos ministérios escolápios.** Além do ministério pastoral, a Ordem reconhece três que vêm do centro do carisma: a educação cristã, o cuidado dos pobres para a transformação social e o recém-constituído ministério de escuta e acompanhamento. São ministérios confiados aos nossos jovens durante a sua formação inicial e a algumas pessoas, principalmente da Fraternidade. Devemos pensar na qualidade com que preparamos as pessoas para receber esses ministérios, pela necessidade que temos nas nossas comunidades cristãs escolápias de compreender plenamente a sua natureza e importância, a força vocacional de que são portadoras. Cada um deles, bem compreendido e bem trabalhado, é capaz de provocar mudanças profundas na forma como desempenhamos a nossa missão. E o mais importante de tudo é que estes ministérios nos aproximam do centro do projeto de Calasanz. Um ministério escolápio, se verdadeiramente é ministério escolápio, tem uma virtude fundamental: nunca o vivemos plenamente e sempre pede algo mais de nós mesmos, da comunidade, da Ordem e da Fraternidade. É um motor de mudança, um valor de identidade. Precisamos nos aprofundar em cada um deles. Gostaria muito que, em cada casa de formação, por exemplo, realizássemos seminários de estudo e

reflexão sobre cada um desses ministérios. Eu gostaria que alguns de nossos juniores dessem o passo de formar-se mais profundamente em algum deles. Gostaria que pudéssemos conhecer e partilhar as boas experiências que se vivem em algumas das nossas Fraternidades, especialmente o dinamismo próprio desses ministérios. Temos que fazer melhor uso dos nossos próprios tesouros.

E, falando em tesouros, entro no **quinto recurso que nos desafia: dois enormes tesouros** que possuímos e dos quais, às vezes, não aproveitamos bem. Estou falando do **Movimento Calasanz** e da **Oração Contínua**. O **Movimento Calasanz** cresceu muito entre nós nesses anos, mas não podemos perder de vista o essencial. É um processo educativo integral no qual oferecemos às nossas crianças e jovens espaço para descobrir, partilhar e viver plenamente a sua fé, a sua vida e a sua vocação. Nem toda atividade pastoral é do Movimento Calasanz. Devemos nos aprofundar naquilo que nós mesmos geramos. É claro que, em cada contexto, se encarna de forma diferente, mas encarnar não significa diluir ou adaptar.

A **Oração Contínua** está gradualmente abrindo caminho entre nós. Ela já superou a crise de identidade que viveu anos atrás e, aos poucos, está se entendendo como Calasanz o entendia: a alma da escola. Convido todos a entrar no site onde, aos poucos, são apresentados recursos e experiências que podem nos ajudar a compreender e valorizar o tesouro que possuímos.

Vou pelo **sexto recurso** que, às vezes, é desperdiçado: **a centralidade da criança**. Quando a Ordem quis definir os elementos da identidade do nosso ministério, o primeiro deles foi este: a criança é o centro, e a resposta aos seus desafios é nossa. Estamos perante um dos temas mais significativos das nossas Escolas, impulsionado

3- <https://oracioncontinua.com>

4- CONGREGAÇÃO GERAL das Escolas Pias. “A identidade calasantiana do nosso ministério.” Ed. Calasâncias. Madri 2012, páginas 13-14.

pelo gênio de Calasanz. O centro de tudo é a criança. Há uma constante que experimento em todas as visitas que faço aos centros educativos escolápios, quando tenho a preciosa oportunidade de conhecer os alunos. **Eu geralmente gosto de perguntar para os aspectos da escola que os deixam mais satisfeitos. Entre as respostas, há uma que nunca falta: nesta escola, os professores conhecem-nos, sabem quem somos. Garanto-lhes que, se essa resposta não fosse dada, teríamos que pensar seriamente no carácter escolápio daquela escola.**

A “cultura das nossas escolas” faz com que os alunos sejam conhecidos, porque eles são o centro. Tudo deve ser organizado, para que o aluno seja central na vida da escola, em toda a sua dinâmica. Essa é a visão a partir da qual Calasanz constrói a sua escola popular e a desenvolve em toda a Europa. É claro que estamos diante de uma chave da nossa identidade que se torna um desafio. Vamos continuar tentando responder.

Obviamente, a resposta a esse desafio tem a ver com muitas das coisas que fazemos: o tipo de relação educativa, as prioridades a partir das quais orientamos o colégio, a nossa capacidade de promover novas respostas para enfrentar novas situações, a formação dos nossos educadores etc. É bom que as crianças sejam quem inspira as nossas decisões.

O **sétimo recurso** ao qual quero me referir poderia ser definido assim: **sim à inclusão, sim à preferência pelos pobres.** Faz parte da nossa identidade promover projetos educativos que promovam a inclusão e que prestem especial atenção aos mais desfavorecidos. Vou usar uma palavra que nos é muito querida: **Trastevere.** Quando caminho pelo bairro onde nasceu o projeto de Calasanz, não consigo parar de pensar em tudo o que ali foi vivido. “Trastevere” não é para nós um bairro, mas um lugar teológico, um lugar

5- São José de CALASANZ. Constituições da Congregação Paulina nº 198. Opera Omnia. Volume VI, página 46

calasânico que provoca interrogações. E a resposta às perguntas provocadas foi “Santa Doroteia”. Saber a resposta nos ajuda a descobrir a questão. A resposta “Doroteia” ajuda-nos a compreender a pergunta que Calasanz se colocou: podemos mudar a realidade apostando nos pobres e numa proposta educativa inclusiva que permita que aqueles que estão “fora do circuito” se tornem protagonistas da sua transformação.

As Escolas Pias nascem na dinâmica da utopia, da profunda mudança social. Calasanz parte de uma observação decisiva, que coloca nem mais nem menos que nas suas Constituições: *“Em quase todos os Estados, a maioria dos seus cidadãos são pobres”* E responde a esse desafio com uma proposta escolar que muda tudo. Um simples botão de amostra, retirado do regulamento de uma das escolas que fundou: *“Ninguém deve reivindicar nas nossas escolas qualquer preeminência ou privilégio sobre os outros, exceto pela maior integridade dos costumes, por maior diligência e uso no estudo”*. A nossa “escola a tempo integral” procura dinamizar esse compromisso com a inclusão e um mundo diferente.

Existem certamente muitos mais aspectos da nossa identidade que nos desafiam, mas não podemos abordar todos eles no espaço de uma carta como esta. Convido todos a continuar essa reflexão, convencidos de que ela pode nos esclarecer muito. Mas, não quero terminar esta carta sem fazer referência a uma das atitudes que mais nos pode ajudar nesse caminho: *a gratidão por tudo o que temos recebido como herança.* Mas, a nossa herança, porque é Calasância, tem um segredo: pede para ser conhecida, recriada e oferecida. Temos que continuar pensando nessas chaves. Obrigado pela sua paciência. Recebam um abraço fraterno.

Padre Pedro Aguado Sch.P.
Padre Geral

6- São José de CALASANZ. Regulamento da escola Campi, 1630. Opera Omnia. Volume VI, página 246

7- Secretaria Geral para um Ministério Insubstituível. “Escolas Pias em tempo integral e perfil do aluno.” Ed. Calasâncias. Coleção “Cadernos” número 60.